

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Rozileide Morguete Asman

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Santa Cruz do Rio Pardo/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora/Instituição: Janice Zilio Martins Pedroso da Etec Orlando Quagliato em Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Janice Zilio Martins Pedroso

Elaboração do roteiro da pesquisa: Janice Zilio Martins Pedroso

Local da entrevista: residência da entrevistada na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Data: 7 de novembro de 2022

Técnico de gravação: Janice Zilio Martins Pedroso

Duração: 25 minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Número de páginas: 17

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, no dia 7 de novembro de 2022, com a egressa Rozileide Morguete Asman, que estudou na Etec Orlando Quagliato, na primeira turma que teve mulheres matriculadas no curso de Técnico em Agropecuária Integrado ao Médio. Rozileide atuou como Técnica em Agropecuária em diversas empresas privadas e hoje administra uma propriedade rural da família além de atuar como Trader na bolsa de valores.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 3 a 18 de dezembro de 2022.

Nome da transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Recebido da entrevistadora: 23 de fevereiro de 2023.

Janice Zilio Martins Pedroso (JZMP): OK. Então nós vamos iniciar a nossa entrevista com a convidada de hoje, que é a Rozileide Morguete Asman, ela foi nossa aluna na Etec, da primeira turma que aceitou mulheres no curso, né. Só para explicar Rose, posso te chamar de Rose, né? (risos)

Rozileide Morguete Asman (RMA): Pode. (risos)

JZMP: Esse projeto, essa gravação, esse vídeo, ele vai para um projeto de Memórias da História Profissional da Educação, do Centro Paula Souza. O Centro Paula Souza, ele possui um site de memórias, que coloca essas vivências, essas experiências das pessoas que passaram pela instituição. Então, você vai estar contribuindo com essa entrevista para a pesquisa da educação. Tá jóia?

RMA: Certo.

JZMP: Então vamos lá, está tudo bem com você?

RMA: Tudo bem, graças a Deus.

JZMP: Então tá jóia! Então pra a gente iniciar a nossa entrevista, que na verdade é um bate-papo, né. Para você contar um pouquinho da sua vivência, eu gostaria que você começasse contando pra gente como que foi sua origem familiar social nesse projeto, você... onde você morava, como é que foi sua infância...

RMA: Então, eu sou aqui de Santa Cruz mesmo, nascida aqui, é... morava no sítio lá do bairro da cachoeira, morei lá até uns dez anos e depois a gente mudou para a cidade, aí eu estava estudando no Sinharinha, da quarta a oitava série, que até a terceira foi na escola rural, né. E daí, na oitava série a professora Cidinha foi lá fazer uma divulgação do Colégio Agrícola e eu e umas amiga, a gente falou assim: - nossa que legal! Será que dá para as meninas irem fazer o colégio agrícola e tal, e ela falou

que podia, e nós ficamos interessadas. Aí nós fomos e nos matriculamos no colégio agrícola, aí era colegial junto com o Técnico em Agropecuária.

JZMP: Ah legal, aí você lembra o horário que você estudava na escola?

RMA: Ah, era período integral, né. E tinha colegas que ficavam lá, dormiam lá, mas eu como morava na cidade, eu ia de ônibus, daquele ônibus azul e branco ainda (risos), que eu acho que nem existe mais...

JZMP: Eu acho que aquele ônibus foi leiloado (risos)

RMA: É...

JZMP: Até esses tempos eu o via pela cidade, agora não tenho visto mais não!

RMA: Então, aí meu Deus do céu, estou me sentindo velha agora!! (risos).

JZMP: Imagina! (risos), nem faz tanto tempo assim! Então a Dona Cidinha que foi uma das professoras?

RMA: Isso, se eu não me engano ela Zootecnista, né?

JZMP: Ela é...

RMA: Veterinária?

JZMP: Veterinária!

RMA: Isso, ela é muito competente, muito querida, uma professora muito dedicada, ela deu aula pra gente, né. E ela que foi fazer a divulgação na escola, e aí... a gente se interessou.

JZMP: E até então você não tinha notícias de que só estudaram homens até esse momento?

RMA: Eu sabia que era só homens, mas ela falou que estaria aberto para meninas, aí nós fomos lá, e fomos as pioneiras. (risos)

JZMP: Ah que bacana! Legal! E como que era esse olhar dos homens quando viam mulheres num curso de Agropecuária?

RMA: Ah! E eu acho que foi normal assim, porque eles tratavam a gente bem! Com educação! A gente também tinha os apelidos, também tinha as brincadeiras, né, que quando você entra era “bagaço”, né, que fala, não sei hoje como é que tá, se tem essas gírias.

JZMP: Ah, eles têm! Todo mundo que entra lá.

RMA: Tem todo um ritual, tem o apelido e depois você vai aumentando, né, conforme você vai passando o ano lá. Só lembro que o primeiro era “bagaço”, o segundo eu não lembro e o último era “general”, o terceiro ano. (risos)

JZMP: Legal.

RMA: Mas a aceitação foi boa, tanto assim dos colegas, quanto dos professores assim. Foi bem... Foi uma experiência bem gratificante mesmo! Bem interessante!

JZMP: Que jóia! Mas depois você saiu, aí você fez o colégio agrícola, e aí?

RMA: Depois que eu saí do colégio agrícola, eu trabalhei na CATE em Águas de Santa Bárbara e em Manduri, que na época tinha experimentação de variedades de milho ainda, daí eu fiquei um tempo em Manduri na fazenda do estado e um tempo de Santa Bárbara. Nisso deu quase dois anos que eu trabalhei como técnica em agropecuária.

JZMP: E essa certificação então, fez você entrar no mercado de trabalho!

RMA: Sim, eu não imaginava, achei que por ser mulher seria mais difícil conseguir trabalho na área, porque a minha intenção era sair do colégio agrícola e ir para

faculdade, mas aí apareceu esse trabalho e eu falei: - Vou trabalhar nessa área pra ver como é que é, e depois eu faço faculdade. E foi isso que aconteceu.

JZMP: Entendi! É... você, como que assim, você falou que, né, que você queria ir para a faculdade, mas acabou ficando no ensino técnico, depois você foi para o curso superior?

RMA: Sim, fiquei, então eu saí. Eu entrei, em 95, no colégio agrícola e sai em 97, aí em 98 ... de maio de 98 a dezembro de 99, que eu trabalhei. Aí eu saí porque era contrato temporário também, não era concursado nada na CATE. Aí saí e em 2000 eu entrei em Agronomia em Bandeirantes.

JZMP: Ah que jóia. Aí você fez o curso superior...

RMA: Isso!

JZMP: Mas assim, a base para você ter tido essa experiência no primeiro emprego foi o que você aprendeu na escola agrícola?

RMA: Exatamente, foi a base do colégio agrícola.

JZMP: Está certo. Você se recorda de alguns professores que passaram pela sua formação na parte técnica?

RMA: Então, assim... os que a gente tinha mais amizade mesmo, contato, era o professor Belezi, o professor Edvaldo, que inclusive ele foi é..., a nossa turma foi a primeira turma que ele lecionou, então ele se tornou assim um professor muito querido da nossa turma, né. E tem a professora Cidinha também. Esse pessoal todo, não vou me recordar assim de todos os nomes, mas se você me falar com certeza eu vou lembrar. (risos)

JZMP: Muito legal, eu falo que a gente vai... é muita gente que passa, e assim, eu estou perguntando da parte específica, da parte prática, mas tinha as disciplinas da base comum também, né?

RMA: Sim...

JZMP: E com certeza passaram vários professores na sua época.

RMA: Sim, tinha a professora Leni, tinha a professora Mazé de Biologia, tinha a Silvia de Matemática que eu me lembro, também acho que tinha a outra Silvia que era Química no meu tempo. Então assim, eu não vou lembrar porque faz um certo tempinho, né (risos). Mas foram ótimos professores.

JZMP: Você considera que faltou alguma coisa na sua formação enquanto você fez o colégio agrícola? Que você fale assim: poderia ter aprendido tal coisa... que faltou para sua formação profissional?

RMA: Então, talvez poderia ter sido assim, não sei como que é hoje, talvez poderia ter sido assim: de manhã colegial e a tarde o curso técnico. Porque quando eu fiz, ele era tudo misturado, então talvez, eu acho que assim, a parte do ensino médio pode ser que ficou um pouquinho assim a desejar porque era tudo junto, não sei como é que está hoje, né.

JZMP: Continua assim, continua integrado.

RMA: Continua assim, continua integrado. Mas eu acredito que teria que ser assim... uma coisa talvez um pouco mais específica, mais o ensino médio mesmo do colegial eu senti que ficou um pouco assim não tão forte quanto se eu fizesse só o ensino médio.

JZMP: Entendi.

RMA: Eu acho que é, que foi focado mais no técnico mesmo.

JZMP: Na parte profissional mesmo, né.

RMA: É..., tanto é que eu não consegui passar na faculdade pública, né, eu fui para uma escola, uma faculdade particular, senão eu teria que ter feito cursinho e tal.

Então, eu não sei como que está hoje, mas eu acho que isso daí pra mim eu acho que faltou um pouco mais assim do ensino médio mesmo.

JZMP: Certo! Quando você foi para o colégio agrícola você recebeu estímulo das pessoas, de seus pais, das pessoas que estavam ao seu redor? Vai lá, faz o colégio mesmo, é bom!!

RMA: Aí as pessoas achavam muito estranho né, porque... (risos). Hoje em dia é comum mulher nessa área da agricultura, né, tanto no colégio agrícola quanto na faculdade, mas naquele tempo não era assim tão comum, então o que você ouvia: Aí o que você vai fazer lá no colégio agrícola! Lá só tem homens, isso não é coisa de mulher e tal! Mas, depois que você vai fazendo o curso, no decorrer do tempo foi tranquilo para eles, mas ficavam questionando como era, como é que não era...

JZMP: Entendi, porque você falou para mim no início que já morou no sítio.

RMA: Isso, morei no sítio.

JZMP: Então você já tinha essa cultura do sítio, seus pais trabalhavam no sítio?

RMA: É trabalhavam no sítio, a gente tinha sítio de café e....sítio normal assim, tinha um pouco de gado, daí tinha plantado milho para comer... mas a base era café, né. Tanto é que nem tem mais praticamente em Santa Cruz lavoura de café, hoje em dia soja e milho. E depois o meu pai vendeu esse sítio que era lá na cachoeira e comprou um sítio lá em São Pedro do Turvo agora.

JZMP: Entendi. Então aí depois que você terminou o colégio agrícola, você fez o seu curso superior, foi para a iniciativa privada e hoje você atua na propriedade?

RMA: Então, foi assim: eu me formei em 2003, em Agronomia, lá em Bandeirantes. Aí eu fiz uns serviços temporários na Syngenta, empresa multinacional, contratos de três, quatro meses, e aí passou seis meses aí eu já estava empregada em uma cooperativa lá do Paraná que chama Coagru, que é no município de Ubatã, perto de Cascavel, Campo Mourão. Dá 500 quilômetros de Santa Cruz do Rio Pardo. Eu fiquei bem longe! E eu fiquei quinze anos nessa cooperativa, dez anos eu fiquei trabalhando

no campo, igual os outros agrônomos. Atendia campo, dava assistência, fazia projetos, laudo, linha de crédito, seguro, e depois nos últimos cinco anos eu estava só como supervisora mesmo da área técnica, coordenando os agrônomos da unidade e fazendo só a parte burocrática mesmo, de papelada de banco daí.

JZMP: E hoje?

RMA: Aí hoje eu voltei pra Santa Cruz, já vai fazer três anos agora em dezembro de 2022, que eu retornei para Santa Cruz; ai eu voltei para trabalhar no sítio do meu pai que agora eu já falei, lá em São Pedro, e plantando soja e plantando milho. Até voltei para cá, comecei entrei numa empresa, mas eu não me adaptei, porque hoje mudou completamente o perfil dos profissionais, é... Hoje assim eu vejo que não é assistência técnica, é um perfil de vendedor, e eu não tenho esse perfil para vendas. Eu gosto de assistência, então eu não me adaptei assim trabalhar nas empresas que tem hoje em Santa Cruz.

JZMP: Mesmo atuando na iniciativa privada e depois voltando para Santa Cruz, atuando aí na propriedade rural da sua família, eu acredito que você tenha algumas características da parte de empreendedor, né, porque até porque tomar conta do sítio de uma propriedade rural requer inúmeras habilidades, né?

RMA: Sim, com certeza, toda essa bagagem que eu tive desde o colégio agrícola, da faculdade e de ter trabalhado, foi o que fez eu conseguir hoje tocar a propriedade e levar adiante, né. Porque assim, eu vejo que também é.... talvez na próxima geração que vai ser da minha filha e das minhas sobrinhas, provavelmente esse sítio não vai estar mais com a família, né. E da minha avó, o meu pai também foi o último que ficou na agricultura, então se eu sou a última que está na agricultura da família inteira, entende? Eu tenho dó de deixar de vender, entendeu? Eu gosto de ir lá, a gente gosta de ter uma horta, de ter alguma criação, né. Então tem esse apego emocional com a agricultura (Risos).

JZMP: Sentimental.

RMA: Sentimental mesmo, e toda essa bagagem de estudo que eu tenho com certeza é o que me fez ter coragem para tocar o sítio, e além do sítio também eu estudo a

bolsa de valores hoje, né. Não fico só... o sítio é uma coisa que não demanda tanta presença porque hoje tudo é automatizado, maquinário, então é uma coisa que eu posso levar assim tranquilamente, então eu também atuo na bolsa de valores hoje.

JZMP: Ah que legal! Você tocou num ponto bem interessante, né, lá na época que você estudou na escola, não tinha automatização de quase nada.

RMA: Era bem pouco, né, agora hoje tudo se faz no automático. Você vai plantar, tem a plantadora ali. Ela já faz tudo muito rápido, você vai fazer uma aplicação, pulverização, é tudo rápido, a colheita. Como se diz, o agro não para, né (risos).

JZMP: O agro não para mesmo, né, a movimentação é bem rápida.

RMA: É...é bem diferente de quando eu morava no sítio, por exemplo, porque era uma lavoura de café, que demandava de muita mão de obra, hoje não, hoje é tudo automatizado. Tudo assim, os maquinários tomaram conta mesmo! A não ser que você for plantar por exemplo, um outro tipo de cultura, como lá em São Pedro que tem bastante plantio de mandioca por exemplo. Aí já demanda um pouco mais de mão de obra. Mas, soja, milho, sorgo, que se planta bastante lá.

JZMP: Você planta soja e?

RMA: Soja e milho safrinha.

JZMP: Acaba fazendo a... como é que fala? Um rodízio?

RMA: É um rodízio.

JZMP: Certo!

RMA: A soja tem ido muito bem, graças a Deus, porque lá, eu acho que até chove mais lá do que Santa Cruz. Agora o milho safrinha realmente, três anos já e três anos de seguro, porque acaba plantando tarde, da seca... o ano passado deu geadas, então é uma lavoura de bem risco mesmo, sabe o milho! Até estou pensando em plantar de repente um sorgo, plantar um pouco de mandioca, porque o milho está complicado.

JZMP: Difícil né, até porque a mudança do tempo também prejudicou bastante a região, a baixa temperatura.

RMA: É, o ano passado deu uma geada aqui, que fazia muito tempo que não dava uma geada forte como deu né. E esse ano pegou seca em julho bem na época que estava granando o milho e...

JZMP: Prejudicou!

RMA: Prejudica bastante, agora a soja tem produzido bem graças a Deus.

JZMP: Certo. Bom, e o que você me diz sobre essas políticas, as políticas públicas de hoje né, a gente sabe que no ramo da agricultura né, a gente sempre pede socorro para a parte governamental né pra poder... com financiamento, pra poder tudo isso, pra poder fazer desenvolver o nosso negócio né. Como que você acha que essas políticas hoje elas têm contribuído com esse ramo de negócio?

RMA: Então, quando eu trabalhava de agrônoma lá no Paraná, inclusive eu trabalhava com bastante financiamento de banco, de seguro sabe, e... assim de todos os governos que eu peguei durante 15 anos que eu atuei na área, eu só não podia reclamar não, porque assim sempre teve juros favoráveis, sempre teve seguro, o que era um pouquinho ruim era Pro-agro né, porque ele era só pra cobrir os custos mas, e... juros assim de maquinário, de financiamento sempre foi acessível, eu mesmo até agora não utilizei o financiamento, eu trabalho com a cooperativa integrada até agora né então eu faço o plano safra, vou lá faço um pacote né dos defensivos e tudo e pago na colheita e pago serviços também na colheita né, fazendo desse maneira ainda não fiz nenhum financiamento no caso né, mas se precisar tem que fazer, agora o que eu faço e não deixo de fazer é o seguro, ai o seguro que eu faço já é vinculado dentro da própria cooperativa, eles me oferecem seguro né, seguro tanto do milho quanto da soja.

JZMP: É uma forma da gente ter uma segurança né

RMA: Uma certa garantia.

JZMP: Uma certa garantia, até porque é importante né

RMA: Exatamente, no milho mesmo se não tivesse seguro, tinha levado prejuízo né, mas, assim, pagou as contas e sobrou assim o mínimo possível, mas sobrou alguma coisa né, melhor do que não sobrar nada ou ter prejuízo.

JZMP: Evitar o prejuízo né.

RMA: É, porque tem assim muitos agricultores que fala “a pra que pagar seguro, é o teu lucro” porque assim não é tão barato, mas é o teu sossego de você poder dormir em paz e saber que aquilo lá tá assegurado né, porque agricultura todo mundo sabe que é uma indústria a céu aberto né, é arriscado, é assim, e... então você tem que ter um respaldo.

JZMP: Certo, bom, pra gente finalizar, eu vou deixar esse momento aberto para você deixar alguma mensagem se você quiser deixar algum recado para as pessoas que virão né, pra pessoas que virão, se vale a pena investir nessa área né (risos)

RMA: (risos) agora eu estou me sentindo nostálgica (risos) porque, meu Deus já faz quanto tempo né, de 95 a 97. Nós temos até um grupo no WhatsApp da minha turma que a gente fez pra se encontrar daí veio a pandemia e a gente não se encontrou até hoje (risos), mas a gente mantém contato né com os colegas e essa vivência do colégio agrícola ela é muito assim gratificante porque você faz amizades lá que você leva pro resto da vida, é... os professores assim foram de suma importância tanto na formação pessoal, profissional, de caráter, porque quando você entra lá, você entra lá assim muito nova né, com 15 anos, então nossa assim tenho bastante saudade mesmo até da comida (risos) do colégio, assim dos professores, do lugar, eu fui lá esses tempos eu achei que mudou muita coisa assim nossa de quando eu estudei melhorou muito a estrutura. Então eu acho que quem gosta de agricultura o colégio agrícola ele é muito bom, porque ele é muito prático né, você ali é muita teoria com a pratica é diferente já da faculdade que a faculdade tem a pratica mas não é uma coisa assim tão intensa quanto é no colégio agrícola. E a vivência que você tem, as amizades, eu tenho certeza que quem fez o colégio agrícola não vai esquecer jamais, porque fica realmente um sentimento assim de que... ainda mais se você é da área rural nossa você se encontra lá naquilo né e é uma profissão assim que só quem é da

área mesmo que sabe, tem todas as dificuldades que a gente enfrenta né mas é muito gratificante né, eu gosto muito de planta, de natureza, de plantação, da lavoura em si, mas infelizmente assim eu não me adaptei do que virou hoje a agronomia, porque virou muito comercial, virou muito só vendas e eu não tenho esse perfil assim agressivo de vendas, então por isso eu optei por ficar no sítio mesmo e cuidar das coisas com mais tranquilidade né.

JZMP: E é uma forma né de você tá fazendo daquilo que você gosta né.

RMA: É, e depois de você passa dos 40 (risos) também já quer uma coisa mais tranquila, você não quer se aventurar tanto né, aí logo no começo também quando eu retornei pra cá eu tava trabalhando aí eu tive Covid também já fiquei um pouco adoentada, daí falei não a gente repensa um pouco a vida né, então falei não, vou ficar só com o sítio a gente não precisa de tanta coisa pra viver, eu acho que essa qualidade de vida de você ter um sítio e pode cuidar, é pequena é pequena propriedade e tudo mas se você puder viver daquilo é uma tranquilidade. Então assim, eu fui bem feliz que eu fiz colégio agrícola, deixei bastantes amigos, bastante contatos com os professores, é... o professor Belezi (risos) é um querido, ele falava que era meu pai (risos) o professor Edvaldo também era muito querido também que ele era da primeira turma né, nossa primeira turma que ele era professor, então assim todos os professores a gente tem uma gratidão enorme de ter podido ser dessa primeira turma de meninas né, eu não me lembro direito acho que era umas 10,12, no máximo 15, que se formaram comigo, então assim tem umas que trabalham na área outras não trabalham na área, algumas a gente perde contato, outras a gente tem contato, e é assim a vida (risos).

JZMP: Exatamente! Olha Rozi, eu agradeço muito a sua disposição.

RMA: A mas já acabou? (risos)

JZMP: (risos) Assim Rozi eu agradeço muito a sua disposição, em me receber aqui na sua residência pra poder contribuir um pouquinho, contar a sua história, sua vivência, sua experiência né, que assim serve muito de exemplo para as pessoas que vem, tem aquelas pessoas que virão, e cada ano a escola segue seu ritmo né, com cursos novos, com cursos de agropecuária é um dos cursos pioneiros da escola né e

que se mantem até hoje, é um ramo que cresce a cada dia e nós estamos contribuindo com a educação das pessoas né.

RMA: Então, o colégio agrícola de Santa Cruz ele é bem tradicional ele é bem conhecido, tanto que quando eu fui pro Paraná as pessoas perguntavam “a mas onde você se formou?” eu sempre falei olha eu sou formada agrônoma mas eu sou também técnica em agropecuária eu sempre falei, porque assim é muito importante pra mim essa formação, então se você faz o colégio agrícola você tem uma vivencia pratica, e uma vivencia que você jamais vai esquecer vai levar isso pra vida, então eu sempre gostei de frisar: ah, eu sou agrônoma, eu sou agrônoma, mas eu fiz o colégio agrícola também. Então isso é, faz diferença para as pessoas que conhecem a gente que no dia a dia começam a acreditar no seu trabalho, porque assim tem o lado que a mulher na agricultura quando eu me formei agrônoma e tal, claro que teve preconceito né, não vou negar pra você que não teve, mas com tempo você vai conquistando porque você fala não sou só agrônoma, eu fiz o colégio agrícola também, então isso foi muito importante pra minha base profissional, então assim o colégio agrícola eu sinto muita saudade mesmo, eu vou lá, eu fico triste que o tempo já passou, agora já tô dando entrevista, que é uma coisa nostálgica. Faz parte da história mesmo, fico feliz que as pessoas reconheçam o colégio de Santa Cruz ele é bem conceituado, eu falava lá no Paraná ‘ a eu sou de Santa Cruz, fiz colégio em Santa Cruz. Todo mundo conhece mesmo tem um bom nome e eu sei que hoje tem outros cursos também né não só da área de agropecuária e dar parabéns pros professores, pro pessoal que trabalha lá, que é um patrimônio mesmo da nossa cidade, e que faz assim é... eleva mesmo o nome de Santa Cruz nesse quesito da agropecuária.

JZMP: ok, foi muito bom conversar com você.

RMA: Eu que agradeço! Me sinto lisonjeada de poder fazer parte disso né! (risos).

JZMP: Você faz parte da história, isso é muito bom! Muito bom receber você, você contar sua história pra esse projeto.

RMA: Passa tão rápido né a vida, e quem está fazendo o colégio ou que for fazer o colégio, que aproveite o máximo porque é uma experiência pro resto da vida.

JZMP: É gratificante

RMA: É (risos)

Descritores

História oral na educação

Empreendedorismo

História oral na educação

Rozileide Morgueti Asman

Janice Zilio Martins Pedroso

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Técnico em Agropecuária

Janice Zilio Martins Pedroso

Sítio

Escola agrícola

Bolsa de valores

Propriedade rural

Agrônoma

Dados Bibliográficos da Entrevistada



Rozileide Morguete Asman - Nascida em Santa Cruz do Rio Pardo/ SP, em 7 de janeiro de 1980. Fez o Ensino Fundamental na Escola Rural da Cachoeira (primeiro

ao terceiro ano) e na Escola Estadual de Primeiro Grau Sinharinha Camarinha (quarto ao oitavo ano) em Santa Cruz do Rio Pardo/ SP (1987 a 1994), o Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária na Etec Orlando Quagliato de Santa Cruz do Rio Pardo (1995 a 1997), Ensino Superior em Engenharia Agrônômica, pela Falm, localizada em Bandeirantes/ PR (2000 a 2003). Atuou como Técnica em Agropecuária na CATI nas cidades de Manduri e de Águas de Santa Bárbara (mai. 1998 a dez. 1999), como Engenheira Agrônoma atuou nas empresas Kleffman e Syngenta, na Cooperativa Coagru em Ubatã/ PR (2003 a 2018) e na Cerealista Solimã (2020). Atualmente administra o sítio de sua família na cidade de São Pedro do Turvo/ SP e atua como Trader na Bolsa de Valores.

Dados Bibliográficos da Entrevistadora



Janice Zilio Martins Pedroso - Nascida em Santa Cruz do Rio, em 04 de junho de 1974. Fez o Ensino Fundamental na EEPG “Sinharinha Camarinha” e o Ensino Médio na EESG “Leônidas do Amaral Vieira” (1990 a 1992). Graduação em Análise de Sistemas na Universidade do Sagrado Coração (1993 a 1996). Licenciatura em Processamento de Dados na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). Especialização Latu Sensu em Informática em Educação- Universidade Federal de Lavras (1999 a 2000). Licenciatura Plena em Matemática na Universidade Bandeirantes de São Paulo (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade de Pinhais (2008 a 2011). Especialização Latu Sensu em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior- Universidade Metropolitana de Santos (2017 a 2018) e Especialização Latu Sensu em Metodologia do Ensino de Matemática Faculdades

Metropolitanas de São Paulo (2019 a 2020). Desde 1997, é professora na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e na Etec Orlando Quagliato. Foi Instrutora de Informática no Senai/Santa Cruz do Rio Pardo (2005 a 2007); Coordenadora de curso (2002 a 2003; 2007 a 2009) e Coordenadora pedagógica (2009 a 2017), ambos na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e Coordenadora de curso (2019 a 2021) na Etec Orlando Quagliato. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa- Preservação dos Bens Culturais: História, Memória, Identidade e Educação Patrimonial – Universidade Estadual do Norte Pioneiro, no ano de 2021 e membro no grupo História, Sociedade e Educação no Brasil - GT HISTEDBR Norte Pioneiro/PR desde 2022. Atualmente cursa Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Rozileide Morgueti Asman.

Termo de Autorização para uso de Imagem de Rozileide Morgueti Asman.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Rozileide Morgueti Asman.